

## **O Estado de S. Paulo**

**12/7/1986**

### **Um dia de muito medo e revolta**

A viatura de uma emissora de televisão, uma perua Veraneio, entrou em alta velocidade na rua estreita do bairro pobre de Santa Rita. As dezenas de pessoas que, revoltadas, comentavam a ação violenta da polícia poucas horas atrás, correram para dentro de suas casas, aterrorizadas. Pensaram que era a polícia, espalhando o medo novamente. A população de Leme, município de 60 mil habitantes, de economia essencialmente agrícola — o povo orgulha-se, por exemplo, de morar na cidade que é considerada a "capital do algodão" —, não vai esquecer tão cedo o conflito da manhã de ontem. O prefeito Orlando Leme Franco dizia à tarde que "nunca houve qualquer greve nesta cidade, e justamente na primeira vez ocorre uma tragédia destas".

A cidade parou, e o povo se reuniu nos poucos bares e lanchonetes para criticar e condenar a atuação da Polícia Militar. Na lanchonete Two Boys, por exemplo, um senhor aparentando mais de 60 anos confidenciava a um amigo que "esta confusão só ocorreu porque trouxeram policiais de fora da cidade para mediar um problema que poderia ser perfeitamente solucionado por nossos PMs e nossos bóias-frias". Em um bar localizado a menos de cem metros de distância, um grupo de jovens comentava "a loucura da Polícia Militar", que depois do conflito enviou viaturas para o bairro Santa Rita, com a finalidade de intimidar maiores reações da população. A estratégia usada: os policiais disparavam tiros para o ar, assustando as pessoas. As que continuavam nas ruas eram espancadas.

No Batalhão da Polícia Militar de Leme, centenas de pessoas se aglomeravam para acompanhar as, evoluções de pelo menos uma dezena, de camburões, cinco caminhões de transporte de tropas de choque e outras dez viaturas. Cada vez que um dos carros deixava o local em alta, velocidade e com as sirenes acionadas, o povo corria. Uns para dentro de suas casas, outros para tentar descobrir onde estava ocorrendo um novo choque. A comunidade está traumatizada, mas principalmente revoltada com a atuação da Polícia Militar. E quem melhor definiu esta disposição foi uma adolescente de 17 anos, a mesma idade de Cibele, a garota que morreu assistindo à ação dos policiais: "A gente pensa que a polícia serve para defender as pessoas, mas a polícia é como médico: cura, mas também mata".

Localizada entre os municípios da chamada "Baixa Paulista", a cidade de Leme surgiu em função de uma povoação iniciada junto à estrada de ferro da Companhia Paulista, de Estradas de Ferro, em região pertencente, na época, 1875, a Pirassununga. O ramal ferroviário que o governo da Província havia decidido construir partia de Cordeiros (hoje Cordeirópolis), passava por Araras e Pirassununga e chegava até o rio Mogi-Guaçu (Porto Ferreira).

**(Página 9)**